

Notícias da Mocidade

Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei – Allan Kardec

Edição de Janeiro de 2022

Um desafio chamado família

Marcelino Pereira da Cunha

Cada um fazendo sua parte

Assistindo a um comentário em uma das rádios AM de nossa cidade, em que o assunto transcorria sobre drogas, nada de anormal, porque, quando esse tema é abordado, sempre sobra a responsabilidade para os governantes, ou autoridades competentes no assunto.

Ainda não ouvi ninguém abordar, também como responsáveis, as famílias. Aliás, assunto sobre família parece ser um tabu dificilmente abordado.

Sim, essa responsabilidade diz respeito a todos os cidadãos, mas, a princípio, a família precisa ser a base primordial na educação. A vida moderna, o corre-corre do dia, a batalha para oferecer algum conforto ao lar, tudo isso pode ser resolvido usando um pouco do bom senso.

Essa vida moderna oferece recurso que pode muito bem ser usado para estar sempre em contato com nossos entes queridos. É claro que nada substitui a presença, a atenção e o carinho pois esses são os recursos que oferecem bem-estar e proteção.

Um problema desconcertante para os pais é quando os filhos chegam na adolescência e não trazem consigo um bom relacionamento desde a infância. Quando esse relacionamento é falho entre pais e filhos e tornam-se tão ruim que os filhos chegam a sair de casa, ficando a sua formação moral bastante prejudicada por falta da orientação constante dos pais.

A adolescência é uma fase muito importante, porque é neste período que se estrutura a personalidade, manifestam-se as vocações, surgem o interesse sexual e os problemas emocionais.

A infância e a adolescência são, portanto, as melhores fases da vida para a atenção e os exemplos cristãos dos pais.

O lar é o local onde se realiza a preparação do jovem para a vida na Terra. É a escola abençoada da alma. Nele encontra-se a oportunidade de exercitar todas as virtudes que devem desenvolver durante a existência terrena. Quem deixa passar essa fase, tão oportuna para o desenvolvimento das virtudes cristãs, perde uma das melhores oportunidades de dar um passo importante no progresso moral e espiritual dos filhos.

Quando os jovens deixam de seguir o exemplo dos homens honestos e idealistas, corrompendo-se, a sociedade terrena sofre prejuízo imenso.

Cuidemos da criança, amando-a, sabendo dar-lhe o espaço para que seja criança em sua época, saudável e feliz, certos de que estaremos, assim, semeando bênçãos para o nosso planeta, em razão do nosso procedimento junto a ela.

Paz a todos!

Histórias que a vida conta

Marcelino Pereira da Cunha

Adivinha quanto eu te amo

Era hora de ir para a cama, e o coelhinho se agarrou firme nas longas orelhas do coelho pai.

Depois de ter certeza de que o papai coelho estava ouvindo, o coelhinho disse: "adivinha o quanto eu te amo?".

"Ah! Acho que isso eu não consigo adivinhar" – respondeu o coelho pai.

"Tudo isto!" – disse o coelhinho, esticando os braços o mais que podia.

Só que o coelho pai tinha os braços mais compridos, e disse: "e eu te amo tudo isto!"

"Hum! Isso é um bocado", pensou o coelhinho.

"Eu te amo toda a minha a altura" – disse o coelhinho.

"E eu te amo toda a minha altura" – disse o coelho pai.

"Puxa! Isso é bem alto, pensou o coelhinho. Eu queria ter braços compridos assim".

Então o coelhinho teve uma boa ideia. Ele se virou de ponta cabeça, apoiando as patinhas na árvore e gritou: "eu te amo até as pontas dos dedos dos meus pés, papai!"

"E eu te amo até as pontas dos dedos dos meus pés" – disse o coelho pai balançando o filho no ar.

"Eu te amo toda a altura do meu pulo!", riu o coelhinho saltando de um lado para outro.

"E eu te amo toda a altura do meu pulo!" – riu também o coelho pai e saltou tão alto que suas orelhas tocaram os galhos da árvore.

"Isso é que é saltar, pensou o coelhinho. Bem que eu gostaria de pular assim!"

"Eu te amo toda a estradinha daqui até o rio" – gritou o coelhinho.

"Eu te amo até depois do rio, até as colinas." – disse o coelho pai.

"É uma bela distância, pensou o coelhinho." Àquela altura já estava sonolento demais para continuar pensando.

Então, ele olhou para além das copas das árvores, para a imensa escuridão da noite e concluiu: nada podia ser maior que o céu.

“Eu te amo até a Lua!” – disse ele, e fechou os olhos.

“Puxa! Isso é longe” – falou o papai coelho – “longe mesmo!”

O coelho pai deitou o coelhinho na sua caminha de folhas, inclinou-se e deu-lhe um beijo de boa noite.

Depois, deitou-se ao lado do filho e sussurrou sorrindo: “eu te amo até a Lua... ida e volta!”

E você, já disputou alguma vez com seu filho quem gosta mais um do outro?

Geralmente as disputas são em torno de questões como quem joga futebol melhor, quem corre mais, quem vence mais etapas no vídeo game, quem coleciona mais troféus etc.

A vida atarefada, o corre-corre, os inúmeros compromissos, por vezes, afastam-nos das coisas simples: sentar-se na cama ao lado do filho e contar-lhe uma história, enquanto o sono não vem; acariciar-lhe os cabelos, segurar suas mãozinhas pequenas, fazer-lhe companhia para que se sinta seguro; deitar-se, sem pressa, ao seu lado quando ele vai para a cama, falar-lhe das coisas boas, ouvir com ele uma melodia suave para espantar os medos que tantas vezes ele não confessa; falar-lhe do afeto que sentimos por ele, do quanto ele é importante em nossa vida e dizer-lhe que um anjo bom vela seu sono e que Deus cuida de todos nós.

Se você pensa que isso não é importante, talvez tenha esquecido das muitas vezes que arranjou uma boa desculpa para se aconchegar ao lado do pai ou da mãe, nas noites de temporal...

Se, às vezes, é difícil aproximar-se de um filho rebelde, considere que a sua rebeldia pode ser, simplesmente, um apelo desajeitado de alguém que precisa apenas de um colo seguro e de um abraço de ternura. (Adaptação de um texto pesquisado na internet.)

Pense e tenha um fim de semana abençoado!

Pingos de Luz

Sulamita de Almeida

Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos.

“Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos” é o título do capítulo IX de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Nele, os missionários da codificação apresentam reflexões sobre duas bem-aventuranças ensinadas por Jesus e que foram registradas em Mateus: 5.4 e 9. Sabedores de que Deus nos criou simples e ignorantes sob o determinismo de evoluir intelectualmente e moralmente, os espíritos nos instruem sobre a necessidade da evolução integral.

“Mas, que queria Jesus dizer por estas palavras: “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”, tendo recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo e havendo-lhes prometido os do céu? Enquanto aguarda os bens do céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver. Apenas, o que ele lhe recomenda é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros. Por aquelas palavras quis dizer que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, assim na Terra como no céu, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus.”¹

“Cada época é marcada, assim, com o cunho da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da vossa geração é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo, apenas, atividade, porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetei-vos à impulsão que vimos dar aos vossos espíritos; obedecei à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que cerra o seu entendimento! Ai dele! porquanto nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o látigo e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa terá de, cedo ou tarde, ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.”²

Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, tece profundas reflexões sobre a necessidade da renovação íntima, extirpando o orgulho, o egoísmo e cultivando a brandura e a paz.

No erguimento da paz³

“Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados filhos de Deus.”

JESUS (Mateus 5.9)

Efetivamente, precisamos dos artífices da inteligência, habilitados a orientar o progresso das ciências no planeta.

Necessitamos, porém, e talvez mais ainda, dos obreiros do bem, capazes de assegurar a paz no mundo.

Não somente daqueles que asseguram o equilíbrio coletivo na cúpula das nações, mas de quantos se consagram ao cultivo da paz no cotidiano:

dos que saibam ouvir assuntos graves, substituindo-lhes os ingredientes vinagrosos pelo bálsamo do entendimento fraterno;

dos que percebem a existência do erro e se dispõem a saná-lo, sem alargar-lhe a extensão com críticas destrutivas;

dos que enxergam problemas, procurando solucioná-los, em silêncio, sem conturbar o ânimo alheio;

dos que recolhem confidências aflitivas, sem passá-las adiante;

dos que identificam os conflitos dos outros, ajudando-os, sem referências amargas;

dos que desculpam ofensas, lançando-as no esquecimento;

dos que pronunciam palavras de consolo e esperança, edificando fortaleza e tranquilidade onde estejam;

dos que apagam o fogo da rebeldia ou da crueldade, com exemplos de tolerância;

dos que socorrem os vencidos da existência, sem acusar os chamados vencedores;

dos que trabalham sem criar dificuldades para os irmãos do caminho;

dos que servem sem queixa;

dos que tomam sobre os próprios ombros toda a carga de trabalho que podem suportar;

no levantamento do bem de todos, sem exigir a cooperação do próximo para que o bem de todos prevaleça.

Paz no coração e paz no caminho.

Bem-aventurados os pacificadores - disse-nos Jesus —, de vez que todos eles agem na vida, reconhecendo-se na condição de fiéis e valorosos filhos de Deus.

Amenidade⁴

“Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a Terra.”

JESUS (Mateus 5.5)

“A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que lhe são as formas de manifestar-se.” – cap.IX. 6

Surgem, sim, as ocasiões em que todas as forças da alma se fazem tensas, semelhando cargas de explosivos, prestes a serem detonadas pelo gatilho da boca... Momentos de reação, diante do mal, em que a fagulha da mágoa assoma do íntimo, aviventada pelo sopro do desespero...

Entretanto, mesmo que a indignação se te afigure justificada, reflete para falar.

A palavra não foi criada para converter-se em raio da morte.

Imagina-te no lugar do interlocutor. Se houve deficiência no concurso de outrem, recorda os acontecimentos em que o erro impensado te marcou a presença; se algum companheiro falhou, involuntariamente, na obrigação, pensa nas horas difíceis, em que não pudeste guardar fidelidade ao dever.

Em qualquer obstáculo, pondera que a cólera é bomba de rastilho curto, comprometendo a estabilidade e a elevação da vida onde estoura.

Indiscutivelmente, o verbo foi estabelecido para que nos utilizemos dele. O silêncio é o guardião da serenidade, todavia, nem sempre consegue tomar-lhe as funções. Isso, porém, não nos induz a transfigurar a cabeça num vulcão em movimento, arremessando lavas de azedume e inquietação.

Conquanto se nos imponha dias de franqueza e esclarecimento, é possível equacionar, harmoniosamente, os mais intrincados problemas sem adicionar o fogo da violência às parcelas da lógica.

Dominemo-nos para que possamos controlar circunstâncias, chefiemos as nossas emoções, alinhando-as na estrada do equilíbrio e do discernimento, de modo a que nossa frase não resvale na intemperança.

Guardar o silêncio, quando preciso, mas falar sempre que necessário, a desfazer enganos e a limpar raciocínios, entendendo, porém, que Jesus não nos confiou a verdade para transformá-la numa pedra sobre o crânio alheio e sim num clarão que oriente aos outros e alumie a nós.

Referências:

1- O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. IX- i.5.

2- Idem-cap. IX – i.8

3- Ceifa de Luz-Emmanuel/Chico Xavier-cap.19

4- Livro da Esperança –Emmanuel/Chico Xavier- cap.22

Série: desistir, jamais!

Joamar Zanolini Nazareth

Nós temos a força?

Amigos, mesmo naqueles dias em que “acordamos com o pé esquerdo”; mesmo naqueles dias em que “chove canivete aberto”; mesmo naqueles dias em que o pão “cai no chão com o lado da manteiga para baixo”; mesmo naqueles dias em que “o temporal nos castiga o rosto”; mesmo em dias difíceis e complicados, jamais nos esqueçamos de que a força para superar todas as dificuldades e problemas está dentro de nós. As lições ricas de otimismo, os bons livros que nos concitam a vencer, os cursos, os programas

de autoajuda e tantos outros recursos de estímulo pessoal são preciosos auxiliares na tarefa de fazer cada criatura descobrir os caminhos certos, mas em todos esses esforços são imprescindíveis a vontade e o desejo sincero do candidato à superação. Só funcionam mediante tal condição. Aliás, mais do que dizer que é imprescindível, o único elemento indispensável para que cada ser humano seja feliz e edifique uma nobre obra social é a sua força interior. Portanto, inútil alegar em certos momentos que não temos a capacidade de fazer; que não temos a inteligência para raciocinar; que não temos o discernimento para entender; que não temos a energia para superar; que não possuímos a habilidade para resolver... O que não temos, podemos conquistar, e para conquistar temos o principal: nossa usina interior, que nos possibilita crescer e desenvolver, aprender e fortalecer-nos, aprimorar nossos sentimentos e nossos valores íntimos. Nunca duvidemos de nós mesmos. Pode levar tempo, mas sempre alcançaremos as metas justas e lúcidas que idealizarmos. Nós temos a força...

Relendo o livro “LIBERTAÇÃO”

Regina Célia Lanne

CAPÍTULO V – Operações seletivas – Segunda parte

Encerrando sua fala para o conjunto de espíritos reunidos naquele castelo da cidade estranha, o juiz dirigiu-se a uma pobre mulher, impondo-lhe as mãos e ordenando-lhe com voz soturna;

– Venha! Venha!

Com expressão de sonâmbula, a infeliz obedeceu ao desapiedado julgador. Conhecendo a organização frágil e passiva da desventurada senhora, ordenou-lhe que se confessasse. Aos gritos de perdão, ela expôs ter matado quatro filhos inocentes e combinado o assassinato de seu esposo, conquanto tenha esclarecido ser constantemente perseguida enquanto encarnada por mais que tentasse afogar o Infortúnio em “bebidas de prazer”, mais e mais se chafurdava no charco dela mesma. A sentença foi lavrada por si mesma, disse o juiz, referindo que ela não passava de uma loba.

Clamando por vinho, desesperadamente, a frágil mulher recebia, diretamente do impiedoso magistrado, irradiações pesadas que partiam de seus olhos. Ela se contorcia à medida em que ela era hipnotizada, tomava forma simiesca no rosto, encurvava o corpo, transformando-se em uma loba.

Gúbio, então, esclareceu que o remorso é sem dúvida uma benção, entretanto consta como uma brecha, pela qual o credor se insinua, cobrando pagamento, descerrando a vida mental, aos choques de retorno das nossas próprias emissões. Estava exemplificado ali um caso de licantropia, que consistia em uma ideia fixa na qual o doente acredita-se transformado em lobo ou outro animal selvagem. O instrutor exemplificou o caso do Rei Nabucodonosor que, por sete anos, sentiu-se um animal, alimentando-se de grama.

A prática do hipnotismo é muito antiga e é empregada pelos bons e maus, tomando-se por base os elementos básicos do perispírito.

André Luiz perguntou se aquela forma ficaria para sempre. Respondeu que ela não passaria por tal humilhação se não a merecesse.

No entanto, se renovar sua vida mental para o bem e afeiçoar-se à influência dos benfeitores, poderia mudar, pois onde se coloca o pensamento, aí se desenvolverá a própria vida.

A sessão continuaria, em meio de lamúrias dos presentes.

Comemorações



Em 02 de janeiro a FEB - Federação Espírita Brasileira - comemorou mais um ano de funcionamento desde a sua fundação em 1884. São 138 anos de trabalho em prol da unificação do Movimento Espírita no Brasil, trabalho esse programado pela equipe de Ismael, conforme nos relata Humberto de Campos, pela psicografia inigualável de Francisco Cândido Xavier, no livro Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho:

“Logo após a Proclamação da República, Ismael volta a concentrar seu esforço na consolidação da sua obra terrestre. Seu primeiro cuidado foi examinar todos os elementos, procurando reafirmar, no seio dos ambientes espiritistas, a necessidade da obra evangélica, no sentido de que ressurgisse a doutrina de tolerância e de amor, de piedade e perdão, do Crucificado. Todo um campo de trabalho se desdobrava aos olhos de suas abnegadas falanges, aguardando o esforço dos arroteadores para a esperançosa semeadura.

[...] Existiam, no Rio, sociedades prestigiosas, mas cada qual com o seu programa particular, descentralizando a ação renovadora que as instruções

do plano invisível traziam, logicamente, a todos os corações que militavam no sagrado labor da Doutrina.

A Federação Espírita Brasileira, fundada desde o ano-bom de 1884, por Elias da Silva, Manoel Fernandes Figueira, Pinheiro Guedes e outros companheiros do ideal espiritualista, no Rio de Janeiro, esperava, sob a proteção de Ismael, a época propícia para desempenhar a sua elevada tarefa junto de todos os grupos do país, no sentido de federá-los, coordenando-lhes as atividades dentro das mais sadias expressões da Doutrina.

[...] Atendendo aos seus rogos reiterados, a palavra do Mestre se faz ouvir, esclarecendo o seu emissário dileto:

— Ismael — disse-lhe o Senhor —, concentraremos agora todos os nossos esforços a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados, para a organização da obra impessoal e comum que iniciaste na Terra. Na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza, e faz-se mister coordenar todos os elementos da causa generosa da verdade e da luz, para os triunfos do Evangelho. Procurarás, entre todas as agremiações da Doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; colocarás aí a tua célula, a fim de que todas as mentalidades postas na direção dos trabalhos evangélicos estejam afinadas pelo diapasão da tua serenidade e do teu devotamento à minha seara. E como as atividades humanas constituem, em todos os tempos, um oceano de inquietudes, a caridade pura deverá ser a âncora da tua obra, ligada para sempre ao fundo dos corações, no mar imenso das instabilidades humanas. A caridade valerá mais que todas as ciências e filosofias, no transcurso das eras, e será com ela que conseguirás consolidar a tua casa e a tua obra.

O abnegado mensageiro do Alto regressou ao trabalho, cheio de coragem e segurança no seu grandioso apostolado.

[...] As ordens e observações de Jesus foram por ele integralmente cumpridas. Escolheu as reservas preciosas da Federação e assentou, dentro dela, a sua tenda de trabalho espiritual.

[...] E essa obra prossegue sempre. Podem as inquietações da Terra separar, muitas vezes, os trabalhadores humanos no seu terreno de ação, mas a sociedade benemérita, onde se ergue a flâmula luminosa — “Deus, Cristo e Caridade” — permanece no seu porto de paz e de esclarecimento. A sua organização federativa é o programa ideal da Doutrina no Brasil, quando chegar a ser integralmente compreendido por todas as agremiações de estudos evangélicos no país.

[...] Todos os grupos doutrinários, ainda os que se lhe conservam contrários, ou indiferentes, estão ligados a ela por laços indissolúveis no mundo espiritual.

[...] As forças das sombras alimentam, muitas vezes, o personalismo e a vaidade dos homens, mesmo daqueles que se encontram reunidos nas tarefas mais sagradas; mas a direção suprema do trabalho do Evangelho se processa no Alto e a Federação Espírita Brasileira, dentro da sua organização

baseada nos ensinamentos do Mestre, está sempre segura do seu labor junto das almas e dos corações, cultivando os mais belos frutos de espiritualidade na seara de Jesus, consciente da sua responsabilidade e da sua elevada missão.”¹

Como vemos, a sua fundação e coordenação encontram-se ligadas a planos mais altos e, apesar das discórdias dos homens, a FEB segue com a sua missão de Unificação do Movimento Espírita Brasileiro.

Rogamos a Jesus, Nosso Mestre e Senhor, que ela continue sob o manto de sua misericórdia e bondade, cumprindo o seu papel.

1 – Livro Brasil, Coração do mundo e pátria do evangelho – capítulo 28 – 33ª edição, Federação Espírita Brasileira - Ebook

Dicas de leitura



Devassando o Invisível

Como vivem os Espíritos depois da morte de seu corpo físico?

Onde e como habitam, como se vestem, como se comunicam?

Yvonne A. Pereira relata contatos com o plano espiritual e, em envolvente narrativa, apresenta fenômenos e fatos transcendentais, por meio de sua mediunidade.

Esclarece como se apresentam aos médiuns os Espíritos que vêm relatar suas experiências de encarnações anteriores e como são ditados aos psicógrafos os romances mediúnicos.

E mais: como se pode identificar Espíritos enganadores, os temíveis mistificadores.

Oferece-nos, ainda, a reprodução de comovente diálogo havido na Espiritualidade com Frédéric Chopin, o inspirado compositor e pianista polonês.

Sob a orientação de amigos espirituais, dentre eles Bezerra de Menezes, Léon Denis, Charles e Léon Tolstoi, Yvonne nos apresenta fatos que demonstram quão profundo é o entrelaçamento dos planos material e espiritual da vida.

O Notícias da Mocidade é uma publicação mensal e constitui-se num instrumento de divulgação doutrinária da Mocidade Espírita André Luís da Silva, do Grupo Espírita da Amizade.

GRUPO ESPÍRITA DA AMIZADE

Rua Araguari, 270 – São Cristóvão – CEP 38.184-080 – Araxá /MG



Presidente: Marcelino Pereira da Cunha

Coordenadora da Mocidade Espírita André Luís da Silva: Márcia Montandon de Lima Chaves

Jornal Notícias da Mocidade

Colaboradores: Jaomar Zanolini Nazareth, Marcelino Pereira da Cunha, Oscar Montandon Lima, Regina Lanne e Sulamita de Almeida.

Redação, montagem e diagramação: José Ribeiro Chaves Filho (1993 à 2021 – *in memoriam*)

Criação da versão digital: Jordana de Lima Chaves

Revisão: Sandra Maria Oliveira Rocha.

Impressão: Gráfica São Geraldo (1993 à 2021)

Os colaboradores não recebem remuneração a qualquer título.

A opinião dos colunistas não reflete a opinião do jornal.